# A colonização e o corpo feminino nas narrativas de Gabriela Wiener e Micheliny Verunschk

## Colonization and the female body in the narratives of Gabriela Wiener and Micheliny Verunschk

**Janara Laíza de Almeida Soares**[1]

**Resumo**: Este trabalho tem como objetivo analisar a fragmentação identitária das mulheres nas obras *Exploração*, de Gabriela Wiener, e *O som do rugido da onça*, de Micheliny Verunschk. Publicadas em 2021, as obras em análise se aproximam por abordarem experiências de mulheres descendentes das vítimas da colonização, cada uma em seu país, passando pelo processo de fragmentação identitária e de busca de uma parte de si que lhes foi negada/roubada. Observando como as mulheres dessas obras se conectam com seu passado e refletem sobre o seu presente a partir das feridas da colonização, buscamos entender, a partir da chave interpretativa dos Estudos Culturais e da Crítica Literária Feminista, como a literatura de autoria feminina na América Latina conflui para uma figuração comum das mulheres em ex-colônias que evidencia a permanência da violência colonial no corpo feminino.

**Palavras-chave**: Literatura Latino-Americana. Autoria Feminina. Colonização.

**Abstract**: This study aims to analyze the fragmentation of identity among women in the works "Exploração" by Gabriela Wiener and "O som do rugido da onça" by Micheliny Verunschk. Published in 2021, these works share a common focus on the experiences of women descended from victims of colonization – each in her respective country – as they undergo a process of identity fragmentation and a search for a part of themselves that was denied or stolen. By observing how the women in these works connect with their pasts and reflect on their presents through the lens of the wounds inflicted by colonization, we seek to understand – using the interpretive frameworks of Cultural Studies and Feminist Literary Criticism – how literature authored by women in Latin America converges on a shared portrayal of women in former colonies, highlighting the persistence of colonial violence upon the female body.

**Keywords**: Latin American Literature. Female Authorship. Colonization.

1. Doutora pela UnB; Professora do Departamento de Linguística, Literatura e Artes (DLLARTES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Campus II) e da Pós-Graduação em Crítica Cultural (UNEB). E-mail: janarasoares@uneb.br. ORCID

**Submissão**: 23 jul. 2026 **Aceite**: 25 set. 2026



10.47250/forident.v43n1.p143-155

## Introdução

*Que faço com minha cara de índia?*
*E meu sangue*
*E minha consciência*
*E minha luta*
*E nossos filhos?*
*Brasil, o que faço com minha cara de índia?*
Eliane Potiguara, Brasil.

Em 2021, dois livros foram publicados em países diferentes da América. No Peru, Gabriela Wiener escreve *Huaco Retrato*, traduzido para o português sob o nome *Exploração*. No Brasil, Micheliny Verunschk publica *O som do rugido da onça*. Os dois livros abordam, dentre outros temas, a fragmentação identitária de descendentes das vítimas indígenas da colonização. Pensar os dois textos, lado a lado, nos leva à reflexão sobre como, em diferentes partes do continente e de modos distintos, a colonização produz consequências através dos séculos, afetando subjetivamente os corpos femininos. Tais consequências são captadas pela escrita, artefato utilizado como meio para elaborar/reelaborar o passado, a subjetividade, o presente e o futuro.

E por que, aqui, falamos de *corpos femininos*? Consideramos as mulheres cisgêneros retratadas nos livros em questão que, carregando em seus corpos os indícios de antepassados apagados, travam uma luta com a sociedade e consigo mesmas para encontrarem seu lugar nos jogos do mundo. Pensando com María Lugones (2020), para quem a denominação categorial constrói o que nomeia – as categorias são entendidas como homogêneas e selecionam, como norma, um dominante em seu grupo; mulher, por exemplo, seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais – as mulheres do livro não participam de nenhuma categoria, existindo em um não-lugar. Para Lugones (2020, p. 60), "[...] a lógica da separação categorial distorce seres e fenômenos sociais que existem na intersecção, como faz a violência contra as mulheres de cor. A intersecção nos mostra um vazio, aquilo que se perde". Essa distorção é vivida pelas personagens que trazemos para análise.

*Exploração*, de Gabriela Wiener, é uma autobiografia escrita em ocasião da morte do pai da autora. A escritora se vê em frente aos pertences desse homem que não mais existe e de quem carrega o nome europeu e começa a pensar em si como herdeira da fraude: seu pai viveu décadas com uma segunda família; além disso, seu ascendente mais famoso, o explorador Charles Wiener, reconhecido por quase encontrar Machu Picchu, fez sua fama através do roubo de peças peruanas que hoje estão expostas em um museu da França. Gabriela Wiener nos aproxima da história de sua família, nos informando que os Bravo, família da mãe, era origi-



10.47250/forident.v43n1.p143-155

nária, enquanto os Wiener, família do pai, era mestiça. Dentro dos Wiener, seu pai foi o único que não se casou com uma mestiça branca. Gabriela nasce com a cor da mãe e carrega sua ancestralidade marcada no corpo, sentindo o contraste com a família do pai. Em seu livro, ela leva a cabo uma reflexão sobre a história de sua família, sobre a história da colonização no Peru e sobre a sua intimidade, fazendo ligações entre essas dimensões e mostrando como se interferem.

Em *O som do rugido da onça*, Micheliny Verunschk parte de um dado também histórico: os cientistas alemães Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), ao fazerem uma expedição ao Brasil, levam consigo duas crianças para a Europa. A partir desse fato, a escritora ficcionaliza a história dessas crianças pela perspectiva da menina, do povo Miranha, a quem chama de Iñe-e. Cruzando com a história da menina sequestrada, somos apresentados à personagem Josefa, uma paraense que mora há três anos em São Paulo. Aos poucos, sabemos sua história: bisavó materna pega no laço; criada pela avó paterna, colombiana e mestiça, cuja família tenta domesticar os modos da menina; pai ausente e apagamento da herança da mãe. Vendo a figura da menina Miranha em uma exposição em São Paulo, Josefa, que tanto evitou pensar sobre sua identidade e sobre seu passado, começa a se inquietar.

Gabriela Wiener e Josefa são descendentes de vítimas da colonização, esse processo violento que eliminou o homem indígena, violentou a mulher indígena e tomou as crianças nascidas dessa violência para si com o intuito de civilizá-las. O modo como os homens brancos entraram nos territórios indígenas e estabeleceram contatos é complexo, mas há um consenso: o apagamento étnico dos povos originários.

## Heranças do apagamento: o sistema de gênero colonial/moderno na construção da subjetividade

Pensamos, neste trabalho, como o apagamento étnico dos povos originários organiza as experiências subjetivas de seus descendentes, cuja análise trazemos através dos livros em questão. A miscigenação em contexto sul-americano se dá, primordialmente, pelas relações entre homens brancos e mulheres indígenas e negras. As mulheres indígenas foram incorporadas à sociedade colonial, voluntariamente ou à força, apagando-se seu nome próprio e seu nome de família. Assim, é através dos costumes e da aparência que descendentes de indígenas – como as mulheres dos livros analisados – conseguem recuperar algo de seu passado familiar.

Esse processo se deu de forma violenta e é recuperado por Aníbal Quijano (2005, 2009), que traz uma importante contribuição para se pensar, a partir da América, os processos de constituição identitária que ocorreram por conta da



10.47250/forident.v43n1.p143-155

exploração europeia do mundo. Quijano observa que, durante o processo de colonização, novas identidades societais (índios, negros, azeitonados, amarelos, brancos, mestiços) e geoculturais (América, África, Extremo Oriente, Oriente Próximo, Ocidente ou Europa) foram configuradas a partir do sistema de conhecimento eurocentrado, sendo a América a primeira das identidades a ser organizada. A Europa só se constitui enquanto tal posteriormente, em relação com a colonização na América. Segundo ele, houve um "processo de re-identificação histórica, pois da Europa foram-lhe atribuídas novas identidades geoculturais" (2005, p. 121). Essa re-identificação apaga a língua, os saberes, a arte, a cosmovisão e todos os traços culturais dos diversos povos existentes nas Américas, transformando-os em um único aglomerado cuja identidade se dá na diferença com o branco/europeu.

As relações intersubjetivas que emergem a partir dessas novas identidades fundiram as experiências da colonialidade e do colonialismo com as necessidades do capitalismo. Quijano analisa como esse universo intersubjetivo se formou. Partindo dos centros hegemônicos do padrão mundial de poder do século XVII, elaborou-se e formalizou-se o que se chamou de *racionalidade*:

> [...] um modo de produzir conhecimento que dava conta das necessidades cognitivas do capitalismo: a mediação, a externalização (ou objetivação) do cognoscível em relação ao conhecedor, para o controle das relações dos indivíduos com a *natureza* e entre aquelas em relação a esta, em especial a propriedade dos recursos de produção (Quijano, 2009, p.74).

Quijano problematiza o fato de essa perspectiva cognitiva dar-se como natural, ou seja, não susceptíveis de serem questionadas, nomeando-a como o mito do evolucionismo unilinear e unidirecional do eurocentrismo. Buscando discutir o mito fundacional da versão eurocêntrica da modernidade – aquele embasado na ideia do "estado de natureza como ponto de partida do curso civilizatório cuja culminação é a civilização europeia ou ocidental" (2005, p.127), Quijano apresenta algumas questões centrais que nos ajudarão na discussão aqui apresentada. Uma delas é a constituição da ideia de raça como organizadora da divisão de trabalho que, naquele momento, se levantava. Desse modo, as ideias de raça foram associadas à natureza dos papeis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho, a saber: os indígenas, em área hispânica, foram associados à servidão; os negros, à escravidão; espanhóis e portugueses eram produtores independentes de mercadorias (recebendo salário ou como comerciantes, artesãos e agricultores); os nobres ocupavam médios e altos postos de administração colonial, civil ou militar.

Isso se deu a partir de um longo processo de controle de subjetividades, da cultura e da produção de conhecimento a partir do novo padrão de poder mundial articulados a partir da hegemonia europeia. Para tanto, algumas operações foram



10.47250/forident.v43n1.p143-155

colocadas em prática: expropriação das populações colonizadas, entre seus descobrimentos culturais, aqueles que resultavam mais aptos para o desenvolvimento do capitalismo e em benefício do centro europeu; repressão das formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade; aprendizagem parcial da cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica como da subjetiva, especialmente a religiosa (Quijano, 2025, p. 121). Nesse processo, os povos encontrados na América foram reduzidos a uma única identidade, a de índios, e na África, a de negros. Daí, Quijano retira as seguintes implicações:

> [...] todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas [...]; sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores. Implicava também sua relocalização no novo tempo histórico constituído com a América primeiro e com a Europa depois: desse momento em diante passaram a ser o passado. Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento centro da qual o não-europeu era o passado e desse modo, inferior, sempre primitivo (Quijano, 2025, p.127).

Com a secularização burguesa do pensamento cristão, houve o processo de separação dos elementos "corpo" e "alma", com primazia deste último a partir do conceito de razão. No decorrer do desenvolvimento do pensamento europeu, como demonstra Quijano, certas raças são condenadas como inferiores por não serem sujeitos racionais, sendo, pois, objetos de estudo relacionados ao corpo, mais próximos à natureza. A partir dessa ideia, Quijano aponta também, dentre várias outras relações de dominação, a dominação sexual, em que se coloca as mulheres, em especial as mulheres das raças consideradas inferiores, como mais perto da natureza, ou seja, mais inferiorizados e incapazes de racionalidade.

A ideia de que a dominação de gênero se dá apenas pela identificação das mulheres com a natureza é criticada por María Lugones. A socióloga argentina apresenta o que chama de *sistema de gênero colonial/moderno*, observando que há uma redução do conceito de gênero à função de controle do sexo, seus recursos e produtos no pensamento de Quijano. Para ela, o quadro de análises do sociólogo peruano mantém uma compreensão patriarcal e heterossexual das disputas pelo controle do sexo, seus recursos e produtos, mantendo velado o entendimento de que as mulheres colonizadas não brancas foram subordinadas e destituídas de poder dentro de suas próprias comunidades. Sua função não era apenas reproduti-



10.47250/forident.v43n1.p143-155

va; também participavam da vida pública, das decisões e da organização das suas sociedades, de modos específicos em cada uma. Nesse entendimento, "os homens não são vistos como 'recursos' nos encontros sexuais e parece que as mulheres não disputavam em nenhum nível o controle do acesso ao sexo" (Lugones, 2020, p. 59). Sua proposta é complexificar esse pensamento, pois o modo como a colonialidade/modernidade entende o gênero foi construída, e não um dado biológico, como pressupõem as análises sobre gênero dentro da colonialidade de poder apresentada por Quijano.

Para tecer sua tese, Lugones apresenta como o sexo biológico é socialmente construído, a partir dos trabalho de Julie Greenberg acerca da intersexualidade; como o patriarcado não é uma categoria transcultural válida, como analisado por Oryèrónké Oyewùmí, que demonstra que o gênero não era um princípio organizador da sociedade iorubá pré-colonial; e a existência de sociedades ginocêntricas dentre as comunidades nativo-americanas, como demonstra Gun Allen, e que muitas delas reconheciam a homossexualidade. A partir desses dados, Lugones conclui que há um sistema moderno/colonial de gênero que foi constituído, ao mesmo tempo que constituiu, a colonialidade de poder. Observa que a classificação das populações em termos de raça é uma condição necessária para a formação desse sistema. Assim,

> A redução do gênero ao privado, ao controle do sexo, seus recursos e produtos, é uma questão ideológica, apresentada como biológica, e é parte da produção cognitiva da modernidade que conceitualizou a raça como 'atribuída de gênero' e o gênero como racializado de maneiras particularmente diferenciadas para europeus/eias brancos/as e para colonizados/as não branco/as. A raça não é nem mais mítica nem mais fictícia que o gênero – ambos são ficções poderosas (Lugones, 2020, p. 73).

Em seu pensamento, Lugones observa que há um lado iluminado/visível do sistema de gênero moderno/colonial, que constrói hegemonicamente o gênero e as relações de gênero a partir da organização da vida de homens e mulheres brancos e burgueses; e um lado obscuro/oculto, em que se reduz anamachos, anafêmeas e o chamado "terceiro gênero" à animalidade, ao sexo forçado com colonizadores brancos e à exploração laboral. Ou seja, o trabalho não é apenas pensado a partir da racialização, como o fez Quijano, mas também atribuído de gênero. O reconhecimento da articulação entre trabalho, sexo e colonialidade de poder trazida por María Lugones nos faz perceber como o processo de dominação de gênero foi crucial para a construção do sistema-mundo colonial/moderno e como a colonialidade de poder se constituiu, também, na violência de gênero que ainda hoje assola as mulheres provenientes das ex-colônias.



10.47250/forident.v43n1.p143-155

Assim, as relações entre brancos e mulheres indígenas se deu de forma complexa e mudou com o decorrer da colonização, sendo também usadas como forma de dominação dos povos colonizados. Em estudo sobre o apagamento étnico no Brasil, Silvia Monice Muiramomi apresenta uma cronologia de como se deu esse processo. Em suas pesquisas, observou que os documentos sobre as populações indígenas produzidos a partir de 1492 visavam à legitimação da invasão. Segundo ela,

> Essa legitimação era alcançada pela caracterização genérica desses povos como "pagãos", o que justificava qualquer tipo de violência sob o pretexto da conversão forçada ao cristianismo. A intenção por trás da supressão da categoria "indígena" – ou a alocação desses indivíduos em categorias como "caboclo" ou "pardo" – era corroborar com o projeto de assimilação que estava em curso desde o início da invasão colonial (Muiramomi, 2025, p. 5).

Nesse "qualquer tipo de violência" está presente a violência sexual, que se deu de diversas formas em tempos e territórios diferentes. A pesquisadora aponta que uma das estratégias para ingressar no mundo indígena no início da colonização foi o estabelecimento de relações de aliança e parentesco, que se davam também no "casamento" entre branco e mulher indígena, o que lhes dava a possibilidade de viver sob proteção do povo que o acolheu. Em trabalho acerca do imaginário europeu na construção da sexualidade feminina do primeiro século de colonização brasileira, Anne Caroline Mariank Alves Scalia e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2011) mostram como a primeira estrutura sexual brasileira se pautava na aliança entre indígenas e colonizadores, tendo estes adotado os costumes dos povos com quem faziam trocas. Ao mesmo tempo, os documentos apresentados pelos pesquisadores mostram testemunhos de práticas de violência sexual contra mulheres durante o Brasil colônia independentemente da cor.

Também Raimundo Alves de Araújo (2021), ao analisar o sexo como aliança entre europeus e indígenas, mostra a complexidade dessas relações. A partir de registros históricos, Araújo observa como o *amancebamento* com as mulheres indígenas era uma tática de dominação ibérica. Como o amancebamento se deu de forma vasta e constante, os Jesuítas, ao chegarem à colônia, encontraram aí um dos principais objetivos da conversão. O pesquisador apresenta trecho de carta do padre Antônio Pires, que aqui reproduzimos e que demonstra tal preocupação:

> O maior trabalho que agora temos é que haverá nesta povoação algumas cinquenta [...índias] ou mais, afora outras que estão pelas fazendas, as quais foram trazidas das aldeias pelos brancos para tê-las como mancebas. Eles logo as faziam cristãs para que o pecado não fosse tão grande. Não sabemos dar a isto atalho, porque se as tirarmos hão de tornar às aldeias, e assim faz-se injúria ao sacramento do batismo, e se não as tirarmos estarão uns e outros em pecado mortal (Pires apud Araújo, 2021, p. 68).



10.47250/forident.v43n1.p143-155

Criava-se, assim, uma população "parda" ou "mameluca" na América Lusa que, com o aumento da população na colônia e com maior controle do governo português, buscou o branqueamento a partir de contratação de casamentos europeus ou a sistemática escolha de parceiros brancos. Assim, afirma Araújo, "quanto mais clara era a pele do mestiço, mais o mesmo se afastava dos estigmas sociais e da desonra da servidão" (2021, p. 74).

Vania Maria Losada Moreira (2018) mostra como, com as leis pombalinas, houve uma mudança de natureza nos casamentos mistos. Tais casamentos se transformam em política oficial do governo e tinham como objetivo:

> [...] assimilar os indígenas à sociedade e à população colonial, assegurando honras e benefícios econômicos e políticos aos contraentes e aos descendentes de matrimônio com indígenas. A meta era literalmente destruir os índios como grupos étnicos e políticos diferenciados dentro do contexto colonial, pelo "suave" caminho dos casamentos mistos e de outras políticas adicionais. Ao fim e ao cabo, tratava-se de absorvê-los à população colonial e à sociedade envolvente, por meio da miscigenação biológica e da homogeneização linguística e cultural (Moreira, 2018, p. 42).

Nesse processo, há uma incorporação da mulher indígena à família branca, cujos passos inicias estão nos sacramentos cristãos, como batismo e casamento, e, depois, à instituição da linguagem e da cultura do outro. Como, a partir da perspectiva racial europeia, os brancos são superiores aos povos originários, existe, quando há um processo de casamento reconhecido, uma tentativa de apagamento da família materna. Assim, perde-se o nome indígena, perde-se a referência ao povo ao qual se pertence, e se submete a mulher indígena aos ditames patriarcais do sistema de gênero colonial/moderno, em que se nega às mulheres a participação da vida pública.

É assim que as mulheres se tornam sombras, e suas presenças são reconhecidas apenas através de indícios, enquanto os homens – europeus ou dessa descendência – possuem fotos, possibilidade de resgate da árvore genealógica, vida pública ativa. As marcas das mulheres na sociedade ficam relegados aos costumes domésticos e à aparência física.

As personagens dos livros analisados, sendo também mulheres, têm presentes em sua vivência as marcas do pai ou da família do pai, mesmo que, em sua fisionomia, se pareçam com a família da mãe. Não se parecem com o pai, e dele têm informação; se parecem com a mãe, e dela ou da família dela nada sabem ao certo. É nesse conflito entre corpo e história que as identidades de Gabriela Winer e de Josefa se misturam.



10.47250/forident.v43n1.p143-155

## O rosto da mãe, a história do pai

Em *Exploração*, a ausência da família indígena da mãe é marcante. As mulheres de ascendência indígena são tratas como se fossem *invisíveis*, curvando-se à história e à vida dos homens brancos com quem se relacionam. O trecho a seguir ilustra a situação:

> Todos nós temos um pai branco. Quero dizer, Deus é branco. Ou é nisso que nos fizeram acreditar. O colonizador é branco. A história é branca e masculina. Minha avó, a mãe a minha mãe, chamava meu pai, o marido da própria filha, de *don*, porque ela não era branca, mas *chola*. Eu achava muito estranho ouvir minha avó tratar meu pai com esse respeito excessivo e imerecido. "*Don* Raúl" era meu pai (Wiener, 2021, p. 35).

Quando Josefa nos apresenta sua história, em *O som do rugido da onça*, observamos mais ainda esse apagamento. A mãe dela morreu no parto e o que ela sabia sobre sua ascendência indígena era articulada de forma negativa pela família do pai para educá-la aos moldes "civilizados":

> A minha bisavó materna foi pega a laço, sabia? Tenho um tanto de sangue caiapó em mim. Mas o fato é que todo mundo tem uma avó pega a laço no Brasil, eu, você, o porteiro lá embaixo. Eu cresci com a outra avó, a mãe do meu pai, que me criou, uma colombiana turrona, que falava dessa minha ascendência sempre que alguma coisa ligada à minha índole lhe parecia maior que a sua capacidade de resolução. Era como se me dissesse que havia em mim uma força rebelde, incapaz de ser domesticada (Verunschk, 2021, p. 100).

> Josefa sentia raiva da tia e da aspereza com a qual ela pensava educar a sobrinha, porém mais ainda detestava aquele homem distante, que aparecia desavisadamente, transtornando a rotina das mulheres. A tia, sempre ansiosa, bonequinha bem penteada, bem asseada, que sabia utilizar os talheres; e a avó silenciosamente feliz de que por um dia ou dois dias, um pouco mais ou um pouco menos, a menina tivesse um pai novamente, o que promovia a da condição de enjeitada à filha de alguém (Verunschk, 2021, p. 101).

Sem ter conhecido ou aprendido a valorizar os antepassados femininos, sendo obrigadas a conviverem com a condição de "selvagens" no meio da família paterna, ambas se inquietam com um reencontro com seu passado, cujo ponto central são as exposições etnográficas. As personagens são interpeladas pela técnica colonial do saque transformado em método científico. As exposições mostram a cultura dominada através da ótica evolucionista, em que o outro é colocado como primitivo, atrasado, em comparação com a cultura europeia. Sob a racionalidade ocidental, o reencontro das personagens com suas origens acontece de modo fragmentado, congelado no tempo europeu e destituído de significado.



10.47250/forident.v43n1.p143-155

Ao observarem as exposições etnográficas, elas são confrontadas: Quem elas são? Seriam aquilo que está nas vitrines? A exposição visitada por Gabriela Wiener é a coleção do seu suposto tataravó, Charles Wiener, que está no Museé du quai Branly, em Paris. Encontra sua imagem não apenas refletida nos artefatos roubados, mas também seu nome na sala que os contém. Sua fragmentação se dá pensando na relação entre o homem europeu que visitou o Peru, que talvez tenha deixado descendência e de quem se tem registros, e a mulher que lá permaneceu e criou o seu clã, mas de quem nada se sabe. E seu rosto é o rosto da mulher indígena e dos artefatos que vê nas vitrines do museu, não o rosto do homem de quem carrega o nome.

Josefa, que se quer tem a possibilidade de ter acesso à família materna, tenta afastar-se da identidade indígena que foi tão dolorosamente apresentada a ela, mas é interpelada pela imagem da menina miranha exposta em uma sala, em São Paulo, e que lembra seu próprio rosto. Ela teria algo em comum com essa menina, raptada há séculos?

Vemos, nesses dois casos, o paradoxo das exposições feitas pela curadoria estrangeira: ao mesmo tempo em que mostra, apaga; expõe algo, mas o que é visto não mais significa. Quem fez essa arte? Elas eram usadas de que modo? Quem são essas pessoas? A imagem da menina miranha está lá, mas seu nome se perde, pois ela se torna apenas um espécime representativo, um animal dentre outros. Quando refletem sobre si, expostas a seu passado através da curadoria europeia, essas mulheres apresentam a fragmentação identitária imposta pela colonização:

> Josefa: "A mulher se olha no espelho, procura no rosto que vê refletido um rosto que não é seu, ou que não é totalmente seu, uma conjunção de outras faces que se sobrepõem à sua. Por onde andará o seu rosto, aquele que um dia ela achou que tinha e que era o seu rosto essencial? Por que não o consegue recompor sem que seja remendado com partes de pessoas que não conheceu? O rosto da mãe que morrera no parto, o rosto da bisavó selvagem, o rosto da menina indígena que agora a acompanha" (Verunschk, 2021, p. 109).

> Gabriela: "Percorro as galerias da coleção Wiener e, em meio às vitrines abarrotadas de *huacos*, uma delas me chama a atenção por estar vazia. Na legenda, leio *Momie d'enfant*, mas não há nem rastro dela. Por alguma razão, esse espaço em branco me acende um alerta. Por ser um túmulo. Por ser um túmulo de uma criança não identificada. Por estar vazio. [...] Dessa vez meu reflexo de perfil incaico não se mistura com nada e é, por alguns segundos, o único conteúdo, ainda que espectral, da vitrine vazia. Minha sombra presa no vidro, embalsamada e exposta, substitui a múmia, borra a fronteira entre a realidade e a montagem, restaura o corpo faltante e propõe uma nova cena para a interpretação da morte: minha sombra lavada e perfumada, esviscerada, sem antiguidade, como uma pinhata translúcida cheia de mirra, algo que não possa ser devorado e devastado pelos cães selvagens do deserto" (Wiener, 2021, p. 11-12).



10.47250/forident.v43n1.p143-155

Assim, ambas sendo descendentes de vítimas da colonização, veem o seu corpo e não os identificam com a referência cultural do pai, a que prevalece no seio familiar. Sem se parecer com o pai (por serem, também, mulheres) e sem ter a referência cultural da mãe, em que ancestralidades elas se apoiam? Daí a pergunta: Quem sou eu?

A violência colonial permanece no corpo das mulheres indígenas e de suas descendentes. Elas são, ainda, categorias epidérmicas, como pensa Giulia Marchese: "Con categoría epidérmica me refiero a categorías que tienen un reflejo superficial, epidérmico, a nivel de piel e imagen corporal, aunque conlleven un sistema, en este caso el sistema colonial, racista, patriarcal-capitalista, que las sustenta y las justifica, las legitima" (2019, p. 22)[2]. As mulheres dos livros apresentam em sua pele a categoria pela qual o sistema as lê, as organiza e organiza suas experiências. Seus corpos tornam-se, desse modo, corpos-territórios: tanto espaço político quanto espaço de representação (Giulia Marchese, 2019). O corpo é, segundo Marchese, pensando a partir do feminismo comunitário latino-americano, memória e local em que se conta "[...]continuamente nuestra historia, acumulada y sedimentada en el"[3] (2019, p. 24). Com o apagamento sistemático de suas referências indígenas, ligadas às famílias das mulheres das suas famílias, é o corpo que contará a história, ou melhor, que apresentará as lacunas que a história oficial não consegue contar. É a partir de seus próprios corpos, vítimas da colonialidade, que as mulheres dos livros começam a pensar sobre as violências que tanto elas quanto as mulheres que vieram antes delas viveram. Assim, como afirma Marchese,

> El confinamiento de las mujeres en sus cuerpos-espacio es, de un lado, la base de la desigualdad y la opresión sexual, pero, del otro, las mismas categorías que han servido para encajarnos en poblaciones controlabes, son las categorías desde las cuales empezar para revertir los fenómenos sistémicos violentos (Marchese, 2019, p. 24)[4].

Pensando com María Lugones, a colonialidade de poder apaga a agência das mulheres vítimas da colonização, impedindo que suas decendentes tenham referências de formas de viver anteriores a esse processo. Desse modo, enfrentar o mito da universalidade e da superioridade europeias, que institui o não europeu como primitivo, se torna duplamente violento quando pensamos em termos de dominação de gênero.

---

2. Com categoria epidérmica me refiro a categorias que tem um reflexo superficial, epidérmico, a nível de pele e imagem corporal, embora envolvam um sistema, neste caso o sistema colonial, racista, patriarcal-capitalista, que as sustenta e as justifica, as legitima. (tradução nossa).

3. [...] continuamente nossa história, acumulada e sedimentada nele. (tradução nossa).

4. O confinamento das mulheres em seus corpos-espaços é, de um lado, a base da desigualdade e da opressão sexual, mas, de outro, as mesmas categorias que serviram para encaixar-nos em populações controláveis, são as categorias a partir das quais começar para reverter os fenômenos sistêmicos violentos. (tradução nossa).



10.47250/forident.v43n1.p143-155

É a partir das experiências de seus corpos que as mulheres – escritoras e/ou personagens – organizam suas ações dentro do sistema-mundo colonial/moderno, colocando luz nos espaços vazios que a colonialidade de poder insiste em obscurecer. Tomam esses espaços vazios e os preenchem, à força. Estando deslocadas do seu referencial ancestral, sendo atravessadas pelo gênero e pela raça, dispõem-se a pensar e construir um mundo – ou uma casa, ou uma comunidade, ou uma família, ou um *eu* – que, sem negar a complexidade, se constitui no movimento das encruzilhadas, das fronteiras.

## Considerações finais

Dois livros, dois países, mesmo passado colonial. A literatura, centenas de anos depois, consegue mostrar as consequências da colonialidade, que persiste na economia, na política, na produção de conhecimento, assim como nos corpos e nas subjetividades. Persiste, também, a existência dos povos indígenas através das mulheres, que passaram adiante costumes, histórias e os indícios em seus corpos-territórios, cuja retomada se dá para a construção de novas formas de viver. Quando, em 1971, Silviano Santiago afirma que há, entre os escritores latino-americanos, "a recusa do 'espontâneo' e a aceitação da escritura como um dever lúcido e consciente" (1971, p. 24), observamos a continuidade de uma escrita no continente que escolhe seu caminho no jardim das veredas que se bifurcam. Gabriela Wiener e Micheliny Verunschk nos colocam frente a essas escolhas e fazem sua escolha: "Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra" (Santiago, 1971, p. 17).

## Referências

ARAÚJO, Ricardo Alves de. Mestiçagem, sexualidade e colonização dos sertões no século XVIII: o sexo como aliança entre europeus e indígenas. **Revista Historiar**, v. 13, n. 24, p. 60-81, 2021. Disponível em: https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/360. Acesso em: 9 jun. 2026.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83.

MARCHESE, Giulia. Del Cuerpo en el territorio al cuerpo-territorio: Elementos para uma genealogia feminista latinoamericana de la crítica a la violencia. **EntreDiversidades**. Revista de ciencias sociales y humanidades, n.13, pp. 9-41, 2019, Universidad Autónoma de Chiapas.

MUIRAMOMI, Silvia Monice. A avó pega no laço: uma cronologia do apagamento étnico no Brasil. **Habitus**, Goiânia, v. 23, n. 3, e15552, Especial, 2025. ISSN: 1983-7798. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/15552. Acesso em: 27 maio. 2026.



10.47250/forident.v43n1.p143-155

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almeidinas, 2009, p. 73-118.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. CLACSO: Buenos Aires, 2005. p. 117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf. Acesso em 26 abr. 2026.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: Santiago, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SCALIA, Anne Caroline Mariank Alves; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Hibridismo cultural: o imaginário europeu na construção da sexualidade feminina do primeiro século de colonização brasileira. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 6, nº. 1, págs. 106-115, 2011. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6202399 Acesso em: 25 abr. 2026.

VERUNSCHK, Micheliny. **O som do rugido da onça**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

WIENER, Gabriela. **Exploração**. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Editora Todavia, 2023.

WIENER, Gabriela. **Huaco retrato**. Barcelona: Literatura Random House, 2021.



10.47250/forident.v43n1.p143-155